



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
CURSO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

MILENA BARBOSA PEREIRA

**“VOU ACHAR NORMAL IR NA CASA DE BANHO”: UMA ANÁLISE DO USO
VARIÁVEL DAS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS NO PORTUGUÊS FALADO EM
MOÇAMBIQUE**

Santo Antônio de Jesus - BA

2025

MILENA BARBOSA PEREIRA

**“VOU ACHAR NORMAL IR NA CASA DE BANHO”: UMA ANÁLISE DO USO
VARIÁVEL DAS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS NO PORTUGUÊS FALADO EM
MOÇAMBIQUE**

Artigo apresentado à Banca Examinadora como um dos instrumentos avaliativos do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V*.

Orientador: Prof. Me. Manoel Crispiniano Alves da Silva



FOLHA DE APROVAÇÃO

MILENA BARBOSA PEREIRA

“VOU ACHAR NORMAL IR NA CASA DE BANHO: UMA ANÁLISE DO USO VARIÁVEL DAS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS NO PORTUGUÊS FALADO EM MOÇAMBIQUE”

Trabalho apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus V, como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado pela seguinte Banca Examinadora no dia 11 de dezembro de 2025

Documento assinado digitalmente
gov.br MANOEL CRISPINIANO ALVES DA SILVA
Data: 11/12/2025 08:42:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador: Professor Mestre Manoel Crispiniano Alves da Silva (UNEB- Campus V)

Documento assinado digitalmente
gov.br MATHEUS DE ARAUJO AZEVEDO
Data: 11/12/2025 10:21:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliador: Professor Mestre Matheus de Araújo Azevedo (IFBA- Santo Antônio de Jesus)

Documento assinado digitalmente
gov.br GILCE DE SOUZA ALMEIDA
Data: 11/12/2025 10:29:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliadora: Professora Doutora Gilce de Souza Almeida (UNEB- Campus V)

Santo Antônio de Jesus - BA
2025

“VOU ACHAR NORMAL IR NA CASA DE BANHO”: UMA ANÁLISE DO USO VARIÁVEL DAS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS NO PORTUGUÊS FALADO EM MOÇAMBIQUE

Milena Barbosa Pereira

RESUMO: Pretende-se, neste estudo, analisar a variação das preposições locativas que regem o verbo *ir* de movimento no português falado em Moçambique, observando as similaridades e as diferenças entre o português de Moçambique (PM) e as outras variedades do português. A fim de realizar essa investigação, utilizou-se um *corpus* feito por Mutoba (2025), composto por registros de falas extraídas de um programa televisivo intitulado “Show do Fred”, exibido pela emissora “Tua Tv”. O material utilizado foi selecionado a partir de segmentos de fala de seis produções televisivas, correspondentes a três cidades moçambicanas: Nampula, Beira e Maputo, que representam, respectivamente, as regiões Norte, Centro e Sul do país. Portanto, foram encontradas vinte e oito ocorrências das preposições *a*, *para*, *em* regendo o verbo *ir* de movimento. Em suma, embora não se possa fazer um estudo sociolinguístico clássico devido ao número reduzido de ocorrências, os dados revelam traços relevantes quanto ao uso variável dessas preposições, permitindo identificar padrões semelhantes no que tange às preposições que regem o verbo *ir* de movimento no Português Brasileiro (PB), no PM e no Português de São Tomé (PST) e uma diferença em relação ao Português Europeu (PE), pois, diferentemente da norma lusitana, o PM apresentou a preposição “em” regendo o verbo *ir* de movimento, assim como nas outras variedades formadas em circunstância histórica de intenso e maciço contato entre línguas.

PALAVRAS-CHAVE: preposições locativas; verbo *ir*; português de Moçambique.

ABSTRACT: This study aims to analyze the variation of locative prepositions governing the verb "ir" (to go) in Mozambican Portuguese, observing the similarities and differences between Mozambican Portuguese (MP) and other varieties of Portuguese. To carry out this investigation, a corpus compiled by Mutoba (2025) was used, consisting of recordings of spontaneous speech extracted from a television program entitled "Show do Fred," broadcast by the channel "Tua Tv." The material used was selected from speech segments from six television stations, corresponding to three Mozambican cities: Nampula, Beira, and Maputo, which represent, respectively, the North, Central, and South regions of the country. Therefore, twenty-eight occurrences of the prepositions "a," "para," and "em" governing the verb "ir" were found. In short, although a classic sociolinguistic study cannot be conducted due to the small number of occurrences, the data reveal relevant features regarding the variable use of these prepositions, allowing the identification of similar patterns concerning the prepositions governing the verb "ir" (to go) in Brazilian Portuguese (PB), PM, and São Tomé Portuguese (PST), and a difference in relation to European Portuguese (PE), since, unlike the Lusitanian norm, PM presented the preposition "em" governing the verb "ir" in movement, as in the other varieties formed in historical circumstances of intense and massive contact between languages.

KEYWORDS: Locative prepositions; Verb to go; Mozambique.

1 INTRODUÇÃO

As gramáticas tradicionais (Luft, 1995; Rocha Lima, 2002; Bechara, 2006) apresentam o verbo de movimento *ir* como uma forma cuja regência deve obedecer a regras fixas, determinando o uso de certas preposições para indicar direção ou destino. Nessa perspectiva, o verbo deve ser regido por *a* ou *para*, por serem consideradas as formas adequadas para indicar direção ou destino. Bechara (2006), por exemplo, afirma que a preposição “correta” para reger os verbos de movimento é *a*, e não *em*, reforçando o caráter prescritivo da norma-padrão.

No entanto, esse estudioso Bechara (2006) reconhece que a gramática normativa “[...] que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica [...]” não descreve a língua como ela é, mas prescreve, não evidenciando a sua realidade heterogênea.

À vista disso, pesquisas linguísticas (Pinheiro, 2014; Borges, 2014; Assis, 2009; Silva, Araujo, Santiago, 2022) mostram que, no PB, nas diferentes normas, a variante *em* é produtiva regendo verbos de movimento, como em: “vou em casa” “vou em Santo Antônio de Jesus”, em contextos em que Bechara (2006) prescreveria o uso de *a* ou *para*. Esse uso recorrente da preposição *em* evidencia a distância entre a norma gramatical e o uso efetivo da língua pelos falantes brasileiros.

Desse modo, a literatura produzida sobre o fenômeno do verbo *ir* de movimento mostra que a realidade sociolinguística do Brasil já incorporou a preposição *em* regendo verbos de movimento. Por outro lado, assim como prescreve a gramática tradicional, na norma europeia, o *em* não tem função locativa (Farias, 2003; Santos, 2015), fato que representa uma diferença morfossintática entre o PB e o português europeu (PE).

Porém, é preciso comparar o PB não apenas ao PE, mas também às variedades africanas de língua portuguesa, que foram formadas em circunstâncias sócio-históricas de intenso contato entre línguas. Petter (2009, 2015) pontua que a pesquisa linguística do Brasil centrou-se muito no contraste entre PB e PE, mas que é preciso descrever a realidade linguística das variedades não europeias, visto que há similaridades entre elas, o que a pesquisadora denominou de *continuum afro-brasileiro do Português* (Petter, 2009, 2015).

Nessa direção, Silva (2022, p. 08), pautado em dados sócio-demográficos,

advoga que

não se deve minimizar o papel do contato linguístico entre a língua portuguesa e as línguas africanas, em especial do grupo banto, no debate sobre a constituição do PB. Assim, a comparação entre aspectos morfossintáticos obtidos, por meio de dados orais e escritos do PB e de outras variedades não europeias do português, a exemplo do português angolano (PA), pode trazer elementos para a discussão sobre as mudanças induzidas pelo contato na emergência da gramática da língua portuguesa nas ex-colônias de Portugal.

Assim, fica clara a importância científica desta investigação, pois visa a analisar um fenômeno morfossintático em uma amostra de fala do português moçambicano, contribuindo para o conhecimento do *continuum* afro-brasileiro do Português, postulado por Petter (2009, 2015).

Com esta observação, busca-se analisar o uso variável das preposições locativas que regem o verbo *ir* de movimento no português falado em Moçambique. Além disso, como objetivos específicos, pretende-se: a) verificar os fatores linguísticos (estruturais) e sociais que condicionam a variação do verbo *ir* na comunidade estudada; b) comparar os resultados alcançados nessa comunidade de fala com os obtidos por outros pesquisadores em relação ao PB, ao PE e a outras variedades africanas; c) Identificar semelhanças e as diferenças entre as variedades do Português.

Assim, com esta pesquisa, busca-se responder à seguinte questão de pesquisa: como as preposições locativas que regem o verbo *ir* variam no PM e em que medida esse uso se aproxima ou se distancia do PB, do PE e de outras variedades africanas? Para essa questão, levanta-se a hipótese de que, além do uso da preposição *a* na fala dos moçambicanos, ocorre também a preposição *em*, o que aproxima essa variedade do PB e de outras variedades africanas.

Diante disso, este trabalho estrutura-se em 6 seções. Além desta de introdução, na 02, apresentam-se os postulados da teoria que embasou esta pesquisa. Na 03, analisa-se a regência do verbo *ir* sob diferentes perspectivas, considerando tanto a norma-padrão quanto os usos observados nas variedades do português. Na 04, descreve-se o *corpus* analisado, as variáveis controladas e os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da investigação. Na 5, os resultados serão apresentados e discutidos, e na 6 seção serão expostas as considerações finais.

2 QUADRO TEÓRICO DA PESQUISA: A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Os estudos linguísticos, ao longo do tempo, passaram por diferentes abordagens teóricas que procuraram compreender a natureza e o funcionamento da língua. Nesse sentido, o formalismo linguístico, representado pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo, concebia a língua como uma realidade homogênea. Saussure (1969 [1916]) postulou que a Linguística deveria analisar apenas a lógica interna do sistema, sem considerar a interferência de fatores extralinguísticos, pois “o sistema em si mesmo é imutável” (Saussure, 1969, p. 100).

A ideia de que a língua é um sistema homogêneo foi amplamente questionada pelos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), que afirmam ser a heterogeneidade uma característica intrínseca a qualquer língua. Segundo os autores, não há desordem nesse processo, pois as variações seguem padrões regulares e previsíveis, formando o que chamam de heterogeneidade ordenada. Ou seja, a língua varia, mas essa variação obedece a regras e estruturas internas e externas ao sistema, refletindo tanto a organização do sistema linguístico quanto as condições sociais em que os falantes estão inseridos.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) afirmam que disfuncional seria se a língua fosse uma realidade homogênea, para atender a uma sociedade e a situações sociocomunicativas tão variadas. Assim, esses autores apresentam a base de uma nova disciplina científica que rompe com o axioma do formalismo linguístico que colocava o estudo da mudança em segundo plano.

A partir dessa compreensão, torna-se evidente que estudar a língua é, inevitavelmente, em uma perspectiva variacionista, estudar também a sociedade. Como destaca Callou (2016), lidar com a língua é lidar com variação e compreender essa variação exige considerar os fatores linguísticos socioculturais, sociais, regionais, etários e situacionais. Nesse sentido, Mollica (2017, p.11) explica que a variação linguística constitui um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas, denominadas variantes. Cada uma dessas variantes representam uma opção dentro do sistema linguístico e ocorre em determinados contextos sociais e linguísticos. Portanto, quando há alternância entre variantes possíveis temos um fenômeno variável, e o elemento da língua que varia é chamado de variável dependente.

Nessa pesquisa, a variável dependente analisada é a regência do verbo *ir* de movimento e as variantes são “a” (Vou à Nacala), “em” (foi na igreja), “para” (vou para Uneb) e “até” (vou até a UNEB). Como pode ser observado, são formas alternantes de se dizer a mesma coisa com o melhor valor de verdade. Essa variação não é aleatória, visto que pode ser explicada, cientificamente, por fatores linguísticos, sociais e estilísticos, o que desconstrói o axioma estruturalista de que a mudança era um fato acidental, individual e particular, mostrando que é um fenômeno do sistema linguístico e que não interfere no seu funcionamento (Lucchesi, 2003).

3 A REGÊNCIA DO VERBO IR EM DIFERENTES PERSPECTIVAS: DA NORMA-PADRÃO AOS USOS NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Nesta seção, será realizada uma revisão da literatura sobre o fenômeno, com o fito de verificar as principais tendências do fenômeno em variedades do português.

3.1 A REGÊNCIA DO VERBO IR SEGUNDO A NORMA-PADRÃO

Rocha Lima (2002) define algumas regras fixas em relação à regência do verbo *ir*. Segundo o autor, esse verbo necessita de um complemento de natureza adverbial, assim como também por ter um sentido que indica movimento e direção, nesses casos, o verbo *ir* exige a preposição *a* para fazer uma ligação ao termo locativo.

Ao classificar o verbo “*ir*” como intransitivo, Rocha Lima (2002) argumenta que ele não exige objeto direto ou indireto. No entanto, é comum que venha acompanhado de um adjunto adverbial de lugar ou direção, introduzido pela preposição *a*, como nos exemplos: “Vou a Moçambique”, “Vou a casa”, “Ele vai à universidade.”

De forma similar, Bechara (2006) prescreve que a preposição que deve reger verbos de movimento é “*a*” e não “*em*”. No bojo dessa discussão, Almeida (1999, p. 337) recomenda que “não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica lugar onde”

Por outro lado, Luft (1995) contraria os posicionamentos dos gramáticos anteriores ao afirmar que o verbo “*ir*” é considerado um verbo transitivo indireto, pois necessita ser acompanhado de um objeto indireto para que seu sentido esteja completo. Segundo o autor, esse objeto indireto deve ser introduzido pela preposição “*a*”, exigida pelo verbo para indicar a direção ou o destino da ação. Por exemplo, na

frase "Ele foi ao mercado", a expressão "ao mercado" funciona como objeto indireto, introduzido pela preposição "a", completando o sentido do verbo.

Diante dos diversos posicionamentos dos gramáticos consultados, nota-se que há uma divergência da classificação postulada por Rocha Lima (2002), Bechara (2006) e Almeida (1999) em relação a de Luft (1995). Em suma, a tradição gramatical não reconhece a preposição "em" como legítima para introduzir o adjunto adverbial do verbo ir.

3.2 A REGÊNCIA DO VERBO IR SEGUNDO AS GRAMÁTICAS DESCRITIVAS

Em contradição aos gramáticos normativos, estudiosos como Ataliba Teixeira de Castilho e Maria Helena de Moura Neves destacam mudanças significativas no uso das preposições, especialmente no que se refere à regência de verbos que indicam movimento ou direção.

Nesse sentido, Castilho (2010) observa que a língua está em constante transformação e que o papel da gramática descritiva é justamente registrar o funcionamento real da língua entre os falantes. No capítulo intitulado "Gramaticalização das preposições", Castilho (2010) constata que há um progressivo afastamento da norma-padrão no que tange à regência do verbo ir. Segundo ele, quando uma preposição começa a ser substituída por outra, ambas podem coexistir por um tempo até que uma delas se torne predominante ou desapareça. À vista disso, nota-se que isso vem acontecendo com a substituição da preposição *a* por *em* ou *para*.

Neves (2011), pautada em uma concepção funcionalista de língua, compartilha desse mesmo princípio, defendendo que a gramática deve se fundamentar no uso efetivo da língua, respeitando as variações socioculturais e as situações concretas de comunicação.

Com isso, a perspectiva funcionalista defendida pela autora permite compreender fenômenos linguísticos recorrentes na fala cotidiana, como o uso da preposição "em" no lugar de "a". Embora essa construção não esteja de acordo com a norma-padrão, ela é amplamente aceita nas interações reais dos falantes. Frases como "vou à escola" "vou à praia" normalmente, em alguns contextos são substituídas por "vou na escola" "vou na praia" e, ainda que tais formas sejam condenadas

por Bechara (2006) e Rocha Lima (2002), Neves (2011) afirma que a gramática deve se basear no uso efetivo da língua, e não apenas em regras normativas.

Dessa forma, é fundamental reconhecer e entender que essas variações fazem parte do funcionamento da língua portuguesa falada no Brasil. Tais construções já estão bastante presentes na fala de muitos brasileiros, inclusive os que fazem parte dos segmentos letrados da sociedade brasileira, o que mostra que a língua acompanha o uso real das pessoas e não se guia apenas pelas regras fixas da gramática tradicional. A língua está em constante mudança e essas transformações refletem a forma como os falantes realmente se comunicam no dia a dia.

Nas subseções seguintes, busca-se realizar uma revisão da literatura, tendo como objetivo mostrar o comportamento (socio)linguístico do fenômeno estudado em variedades do Português.

3.3 A REGÊNCIA DO VERBO *IR* NO PORTUGUÊS EUROPEU

Farias (2003) destaca que há uma grande complexidade em relação às preposições na gramática do português. Segundo o autor, essa complexidade explica o fato de essas preposições ainda não terem sido tão exploradas pela gramática gerativa, tornando-se um campo de pesquisa favorável a ser estudado. No PB, as preposições “a”, “para” e “em” apresentam maior flexibilidade em suas funções, especialmente no que tange aos verbos de movimento. Essa ocorrência revela um processo de mudança que amplia os contextos do uso do “em” para além de uma localização estática. Já no PE, essas preposições são distribuídas de forma mais rígida, respeitando sempre as restrições gramaticais.

Com isso, Farias (2003, p. 214) reforça essa diferença ao afirmar que: “A preposição *em* no PE é categoricamente empregada para a marcação no espaço, o que ocorre com verbos do tipo copulativo, *appearance* e localização”, como pode ser visualizado nos exemplos: “*O João está no sofá*”, “*Ela apareceu no colégio*”, “*A escola fica na rua principal*”. Já no PB, Farias (2003, p. 214) cita também que “a preposição *em*, para além dos contextos em que marca uma posição no espaço, com verbos do tipo copulativo, *appearance* e localização, combina-se também com verbos de movimento/localização, demonstrando um comportamento estruturalmente distinto do que ocorre na gramática do PE, o que se evidencia em frases como: “*Ele entrou na sala correndo*”, “*Ela subiu no ônibus*”, “*O menino foi na escola buscar o caderno.*”

A variação entre PB e PE se evidencia quando temos construções diferentes e que são aceitas em uma variedade e na outra, totalmente excluída. Um exemplo dessa variação é a frase “O João foi em Lisboa”, que é totalmente aceita no PB, porém, não no PE, pois, nessa variedade, “em” não rege verbos de movimento. No entanto, no PB, a preposição “para” pode indicar não apenas movimento, mas também permanência a depender do contexto, como em “ele foi para casa”. Já a preposição “em” tende a ser usada quando o lugar de destino é definido, como em “ele foi em casa”, que é considerado gramatical no PB, porém agramatical no PE.

Em linha similar, Santos (2015) realizou um estudo descritivo sobre o uso variável da regência do verbo *ir* e constatou o que Farias (2003) apontara. A autora, utilizou uma amostra composta por 12 informantes com baixa escolaridade e encontrou um total de 136 ocorrências com o verbo de movimento *ir* em uma amostra de fala do PE. Desse universo, nenhuma ocorrência da preposição *em* regendo o verbo *ir* de movimento. A seguir, estão os exemplos apresentados pela pesquisadora:

(98) Porque eu tenho medo, {pp} até de ***ir à vila!*** Olhe, fui lá tanta vez - {pp} por a doença do meu homem e tudo, que tinha de ir por remédios [AB/e] e de ir lá [AB/e] {pp} - e tanta vez fui e {PH/nu =não} tinha medo. Sabia-se onde ia, [AB/à-] ali às farmácias. (FA)

(99) É claro, em escritórios, (e coiso). Mas, quer dizer, a maior parte - a maioria - das três partes - (uma tira-se pela outra) -, o ofício é [RP/é], a maior parte, é pescador. Trainieras, às vezes há um (desarrumo), vêm {CT/prá = para as} lanchinhas {pp} para pescar. A gente aqui, produz-se também peixe [AB/ que vai {CT prá=para a {fp} que vai {CT/ prá= para a} Alemanha, ***vai para a Itália e vai para Lisboa***, e vai [AB/para] para Setúbal. (MA)

No entanto as preposições são partes importantes da gramática e ajudam a mostrar diferenças entre as variedades do português. A forma como as preposições *a*, *para* e *em* são usadas muda de uma variedade para outra. No PB e no PE, por exemplo, nem sempre aparecem do mesmo jeito nas frases. Sendo assim, as preposições locativas são marcadores linguísticos que diferenciam o PE do PB.

3.4 O USO VARIÁVEL DE *IR* COMO VERBO DE MOVIMENTO NAS NORMAS DO PB

Pinheiro (2014), fundamentada no quadro teórico-metodológico da

Sociolinguística Variacionista, descreveu e analisou as variantes em relação ao verbo *ir* utilizadas por falantes do português oral de Fortaleza, utilizando como *corpus* o PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza). Esse *corpus* é constituído por 20 entrevistas com duração média de uma hora, cujos participantes possuíam nível superior, critério adotado pela autora para classificá-los como falantes cultos de uma língua.

Em síntese, foram identificadas 129 ocorrências do verbo *ir* de movimento, regido pelas preposições *a*, *para*, *em* e *até*. Dentre essas, a preposição *para* foi a mais recorrente, com 80 ocorrências, o que equivale a 62% do total. Em seguida, verifica-se o uso da preposição *em*, com 21 ocorrências, o que representa 16%. A preposição *a* foi usada 19 vezes, equivalente a 15% do total. E, por fim, a preposição *até* foi a menos frequente, com 9 dados (7%). Esses dados evidenciam que, mesmo entre falantes considerados cultos, há uma variação na regência do verbo *ir*, o que revela o afastamento entre o uso real da língua e o que é prescrito pelas gramáticas tradicionais.

Assim, é possível notar que, embora seja considerada culta e correta pelas gramáticas normativas, os resultados revelaram que a preposição *a* vem sendo progressivamente substituída por outras variantes, como *para* e *em*.

Por meio do programa VARBRUL, Pinheiro (2014) chegou a importantes resultados sobre o uso da regência do verbo *ir* de movimento entre os falantes cultos de Fortaleza - CE. A análise levou em consideração fatores linguísticos e sociais, sendo controladas as seguintes variáveis: o tempo verbal, o tempo de permanência no local e a idade dos participantes.

Os resultados evidenciam que a preposição *a* foi mais usada quando o verbo estava no pretérito e em situações que indicavam uma menor permanência no local, ou seja, quando o falante se referia a um local sem intenção de permanecer por muito tempo. Por outro lado, a variante *para* teve seu uso diretamente relacionado a uma permanência no local. Segundo os resultados obtidos pelo VARBRUL, esse foi o único fator relevante para essa preposição.

A preposição *em*, considerada inadequada para reger verbos de movimento por muitas gramáticas normativas, apresentou uma frequência relativamente alta entre os falantes, visto que foram considerados participantes cultos. Essa ocorrência se deu, principalmente, em contextos que envolviam curta permanência. Ademais, a variável faixa etária também se mostrou relevante, quando foi observado que falantes

mais jovens (entre 25 e 40 anos) usaram a preposição *em* com maior frequência, já entre os falantes com mais de 41 anos, o uso de *em* foi menos recorrente.

Quanto à preposição *até*, seu uso foi pouco frequente e, segundo os resultados, nenhum fator linguístico ou social apareceu como determinante para sua ocorrência. Sendo assim, essa preposição não apresentou relevância no estudo.

Dessa forma, conclui-se que os resultados da pesquisa evidenciam que a regência do verbo *ir* de movimento entre falantes cultos de Fortaleza está sujeita à variação linguística, sendo influenciada principalmente pelos fatores tempo verbal, faixa etária e tempo de permanência. Observa-se ainda que esses falantes, mesmo pertencendo ao grupo considerado “culto”, acabam transgredindo as normas prescritas pela gramática.

Ainda no que diz respeito às variedades prestigiadas, Borges (2014) desenvolveu uma pesquisa voltada à análise da variação no uso das preposições *a*, *para*, e *em* com o verbo *ir* de movimento. O *corpus* utilizado constitui-se de dados coletados em 2012 na fala de 12 informantes residentes em Brasília (DF), totalizando 168 ocorrências do uso das preposições, distribuídos em quatro grupos classificados de acordo com o grau de escolaridade: três com ensino médio incompleto, três com ensino médio completo, três com ensino superior incompleto e três com ensino superior completo. A coleta de dados foi realizada por meio da técnica de eliciação, ou seja, eram feitas perguntas formuladas para induzir construções com o verbo *ir* expressando deslocamento.

Na análise, Borges (2014) controlou variáveis extralinguísticas e linguísticas. A primeira correspondeu ao grau de escolaridade dos participantes (ensino médio completo, ensino médio incompleto, ensino superior completo e ensino superior incompleto), enquanto a segunda referiu-se ao locativo, classificado de acordo com o traço de permanência. Considerou-se [+permanência] quando o destino indicava permanência prolongada, e [-permanência] quando expressava passagem breve pelo local.

Como exemplo, a autora apresenta: “Todo sábado eu tenho que sair. Que é todo sábado mesmo. Que é ir **pro** terraço com a minha família. Como se fosse nossa... faz parte da rotina mesmo” e “Conheço Belém, já fui **em** São Paulo (...) no Rio de Janeiro, Minas conheço um monte de lugar, é isso.” No primeiro caso, o locativo expressa um caso de maior permanência; já no segundo exemplo o locativo expressa uma menor permanência, uma vez que o falante expressa um local

passageiro. A autora ressalta, ainda, que o indivíduo tende a combinar o fator de maior permanência com a preposição *para* e menor permanência com a preposição *em*.

Com base nessas variáveis, Borges (2014) formulou três hipóteses com o objetivo de verificar de que maneira os fatores linguísticos poderiam influenciar a escolha das preposições *a*, *para* e *em* na regência do verbo *ir* de movimento. A primeira hipótese que previa a proximidade com o ambiente escolar favoreceria o uso da preposição prescrita pela Gramática Tradicional *a*, no entanto, essa hipótese foi negada, já que não houve registro dessa forma entre falantes do Ensino Médio e o seu uso foi quase nulo entre os participantes com nível superior.

A segunda hipótese que estabelecia relação direta entre o grau de escolaridade e a escolha das preposições foi parcialmente confirmada, pois, embora tenha verificado variação no uso, não observou relação direta com o nível de escolaridade.

Já a terceira hipótese que associava o traço de maior permanência à preposição *para* e o traço de menor permanência à preposição *em* não se confirmou, pois a variação acontece mais no âmbito individual do que no coletivo, uma vez que o falante apresenta uma preferência por uma das preposições e utiliza em contextos de [+permanência] e [-permanência].

Em síntese, os resultados evidenciaram a predominância da preposição *para* (122 ocorrências, equivalentes a 72,61% do total), seguido por *em* (42 ocorrências, 25%), e pelo uso residual de *a* (4 ocorrências, 2,39%). Tal preferência pelo emprego de *para* manteve-se em todos os níveis de escolaridade, inclusive entre os participantes com maior contato com a norma culta. Observou-se, ainda, ausência completa de *a* nos grupos com ensino médio completo, e ocorrência mínima nos níveis de ensino superior.

No que se refere ao português afro-brasileiro, Assis (2009) desenvolveu uma pesquisa voltada à análise e à discussão dos fatores linguísticos e sociais responsáveis pela variação na regência dos verbos de movimento no português afro-brasileiro. O estudo foi pautado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e o *corpus* baseia-se em 24 entrevistas da fala vernácula das comunidades de Helvécia e Cinzento, localizadas, respectivamente, nos municípios de Nova Viçosa/BA e Planalto/BA e faz parte do Corpus Base do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia. A análise abrangeu 728 ocorrências de

verbos de movimento acompanhados de complementos locativos.

Na análise, foram destacadas as variáveis linguísticas e as sociais. Em relação à primeira variável, destaca-se o verbo de movimento, a morfologia, a posição do complemento verbal, a configuração do espaço, a natureza do deslocamento, o grau de definitude do SN locativo, a natureza do objeto locativo e o tipo de sujeito. Já na segunda variável, foram destacados o sexo do participante, o grau de escolaridade, a faixa etária e a estadia fora da comunidade. As variantes observadas foram as preposições *a*, *para*, *em*, *até* e a ausência de preposição nas frases.

Em linhas gerais, os resultados indicaram que as formas mais recorrentes foram as preposições *para* (43%) e *em* (41%), seguidas pela ausência de preposição (13%), já as preposições *a* e *até* apresentaram uma baixa frequência em seus usos, apenas (1%) de ocorrência.

No que se refere ao uso da preposição *em* em conjunto aos verbos de movimento segundo a natureza do verbo locativo, a análise mostrou que *em* ocorre principalmente com o SN ou por uma partícula locativa individual, como cita (Assis 2009, p. 44): “Eu já tenho uma prima que travaia lá...já foi pra lá já”; “Com dois dia faltano po meu INPS vencê, e ele veio aqui”; “Senhô vei pra cá?.” Ademais, a preposição *em* é selecionada categoricamente pelo verbo de movimento *chegar*, já a preposição *para* é selecionada pelo verbo *levar*. Já em relação à natureza do deslocamento, Assis (2009) verificou que os movimentos temporários, classificados como [-permanência],¹ favorecem a escolha da preposição *em*, enquanto os traços de maior permanência que indicam um destino final, caracterizada pelo traço de [+permanência]², são marcados pela preposição *para*.

Já no que se refere ao grau de definitude do SN locativo, este é dividido em dois grupos: [-específico] e [+específico]. O primeiro descreve a variável como um genérico, como cita (Assis, 2009, p. 47) “Às vezes acontece, né? Eu mesmo já fui no médico umas duas vez.” O segundo é subdividido em duas variáveis: indefinido e definido, ilustrados pelas frases: “la numas festinha...” (indefinido) e “Ele sempre ia na casa de Salviano...” (definido).

No que diz respeito aos resultados, a preposição *em* foi favorecida nos contextos indefinidos, aparecendo em 88% das ocorrências, enquanto *para* com apenas 12%. Quando o SN locativo era definido ou genérico, verificou-se uma

¹ Indica movimentos temporários ou transitórios.

² Indica deslocamento cujo destino final pressupõe fixação ou permanência prolongada no local.

distribuição entre *em* e *para*: 56% e 44%, respectivamente. Por fim, os resultados mostram que o grau de definitude influencia na escolha da preposição apenas nos contextos indefinidos (88%), onde a preferência é marcada por *em*.

3.2 O USO VARIÁVEL DAS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS EM VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS

Gonçalves (2009) descreve o cenário linguístico de S. Tomé e Príncipe e destaca duas estruturas gramaticais do português falado que evidenciam mudança linguística durante o processo de aquisição, como a construção de duplo objeto e a expressão do locativo com verbos de movimento.

Para realizar essa pesquisa, a pesquisadora analisou o *corpus* constituído por entrevistas com falantes locais do arquipélago de S. Tomé e Príncipe, recolhidas no âmbito do projeto VAPOR (Variedades Africanas do Português). Esse material abrange cerca de 120.000 palavras transcritas, mas para o artigo, a autora utilizou uma amostra de 50 mil palavras, distribuídas em 12 entrevistas nas quais os informantes tinham em média uma idade de 31 anos, 5 informantes do sexo masculino e 7 do sexo feminino, nível de escolaridade entre 7º e 11º ano.

Gonçalves (2009) constatou que a regência de verbos de movimento como *ir* e *chegar* no português falado em São Tomé apresenta variação significativa em relação ao PE. Enquanto no PE esses verbos selecionam predominantemente a preposição *a*, no português oral de São Tomé, observa-se alternância entre NP e PP: o primeiro se caracteriza por sintagma nominal e o segundo por sintagma preposicional, que podem ser introduzidos tanto por *a* quanto por *em*. Os dados mostram que, no caso do verbo *ir*, a seleção da preposição *a* ainda predomina, de forma semelhante ao PE. Já para o verbo *chegar*, há maior tendência ao uso da preposição *em*, como no caso de “chego em casa” ou “chegávamos na praia.” Além disso, a omissão da preposição *a* também ocorre em aproximadamente 20% dos contextos, como em “cheguei Ø casa.”

Gonçalves (2009), voltado ao PM, observa uma tendência quanto à recorrência da preposição *em* junto a verbos de movimento como *ir* e *chegar*. Essa tendência pode ser observada em construções, como mostra a autora, do tipo: “Diogo Cão chegou no Zaire em 1482”, “O meu tio tinha ido no curso de emergente” e “Às cinco da manhã cheguei em sena.” Conforme aponta Cabral (2005), a escolha por *em* no lugar da preposição *a* está ligada a fatores semânticos, já que *a* sugere a noção de

deslocamento, enquanto *em* realça a definição do referente locativo, o que justifica seu emprego para marcar local de chegada.

Com isso, Gonçalves (2009) destaca em sua pesquisa que em um total de 27 contextos de ocorrência do verbo *chegar*, 12 envolvem a escolha da preposição *em* no lugar de *a*. Já no que diz respeito ao verbo *ir*, em 22 ocorrências, 15 dão preferência a preposição *a*, como se verifica no PE.

Fenômeno semelhante ao observado no português oral de São Tomé foi documentado por Gonçalves (2009) em produções escritas por estudantes de PLE, (Português como Língua Estrangeira) em um contexto formal de ensino-aprendizagem. Nesses casos, a substituição da preposição *a* por *em* pode ser interpretada a partir do valor semântico das preposições e das características dos verbos *ir* e *chegar*. Enquanto *a* indica a ideia de destino, *em* está ligado ao sentido de localização. Por isso, a escolha por *em* acaba reforçando a noção de espaço, como se observa em: “chegar em casa”, “chegar em praia” ou “chegar em outros lugares”. Além disso, no caso do verbo *chegar*, que marca um ponto de limite, a preposição *em* reforça essa noção de término do deslocamento.

Conclui-se, então, que o português oral de São Tomé e o de Moçambique apresentam traços próprios que os diferenciam do PE e nota-se uma similaridade com a variedade brasileira especialmente no uso da preposição *em* com o verbo *chegar*. Esses resultados são compreendidos pela pesquisadora como fruto dos processos de aquisição em contexto multilinguístico e de influências das línguas crioulas, afirmando que as variedades africanas do português não constituem um bloco homogêneo.

Silva, Araújo e Santiago (2022), fundamentados no quadro da Sociolinguística Variacionista, desenvolveram um estudo contrastivo acerca do uso variável das preposições locativas no português falado em Luanda e em Barra/Bananal. Os dados sobre o português luandense foram levantados em 24 entrevistas, constituindo 12 da norma culta e 12 da norma popular. Já no que diz respeito às amostras das comunidades quilombolas de Barra/Bananal, foram analisadas 12 entrevistas de fala vernácula das comunidades.

No que diz respeito às investigações relacionadas ao português falado em Barra/Bananal, foi contabilizado um total de 58 ocorrências de preposições locativas regendo verbos de movimento, sendo distribuídas entre as variantes *em* (33 ocorrências, 57%) e *para* (25 ocorrências, 43%). Não foram registradas ocorrências das preposições *a* nem *até*, o que confirma a hipótese de uma mudança em relação

ao desaparecimento dessas preposições.

O estudo mostra que o uso das preposições ligadas a verbos de movimento passa por um processo de variação que reflete aspectos linguísticos e sociais. Na comunidade de Barra/Bananal, percebe-se que a forma tradicional, marcada pela preposição *a*, vem perdendo espaço para outra possibilidade, que é o caso de *em*. Essa mudança é influenciada por diversos fatores, tais como: verbo de movimento, sexo, configuração do espaço e grau de definitude e determinação do nome locativo.

Considerando a variável de gênero, observa-se que as falantes do sexo feminino tendem a assumir um maior destaque nos processos de variação e mudança linguística, sobretudo quando a forma em questão é vista como socialmente prestigiada, conforme apontado por Labov (1972). Na comunidade de Barra/Bananal, as mulheres revelam comportamentos linguísticos mais inovadores que os homens, pois, em 43 ocorrências envolvendo verbos de movimento com a preposição *em*, 27 foram realizadas por mulheres. Enquanto elas apresentam maior adesão a usos prestigiados, os homens, em busca de melhores oportunidades, migram para grandes centros urbanos e aderem outras variedades de fala prestigiada.

A configuração do espaço mostra-se relevante para o emprego da preposição *em*, sendo favorecido por locativos classificados como [+fechados], conforme observado por Silva, Araújo e Santiago (2022) nos exemplos: “Eles só vai cantano, assim, nas casa assim. Chega NA casa, canta, samba. E vai passando assim pelas casa, sabe?”. Em contrapartida, em espaços [-fechados], essa forma foi limitada, como mostram os dados de Silva, Araújo e Santiago (2022). em frases como: “Quando adoecem aqui? Leva PRA cidade, leva PRA Rio de conta.”

Quando o locativo é facilmente identificado, a variante *em* ganha destaque, como exemplificam Silva, Araújo e Santiago (2022): “A gente cansa muito tombem, aqui em tempo de festa tem bastante gente. É isso! Fica com prazer, porque a gente vê o lugar da gente movimentado e a gente também tem o gosto de *vim gente NA casa da gente, né?* Esses resultados indicam que a escolha da preposição em relação aos verbos de movimento não ocorre de qualquer maneira, mas obedece às questões linguísticas e sociais.

Já em relação às amostras do português falado em Luanda, foram analisadas 113 ocorrências envolvendo os verbos de movimento e direcionais *chegar, voltar, vir* e *levar*. Os resultados mostram que a variante *em* foi a mais recorrente, aparecendo em 45,1% dos casos (51 dados). Em seguida, observou-se a preposição *para*, com

34,5% (39 dados), depois a preposição *a* com 17,7% (34 dados), e, por fim, *até* com apenas 2,7% de ocorrência, sendo a menos produtiva.

Esses dados evidenciam uma convergência em relação ao que se observa em Barra/Bananal, pois, em ambas as comunidades, a preposição *a* vem sendo substituída por *em*. Essa mudança ligada ao enfraquecimento da preposição *a*, sugere semelhanças entre o PA e o PB, o que confirmam uma hipótese de aproximação entre eles.

Outro ponto que Silva, Araújo e Santiago (2022) destacam no texto em relação ao português falado em Luanda é o fato de que o uso da preposição *em* apresenta forte relação com o nível de escolaridade. Conforme os dados apresentados pelos autores, observa-se que informantes com baixa ou nenhuma escolaridade utilizaram a preposição *em* em 87,2% das ocorrências, enquanto aquelas com escolaridade superior registraram 41,7% das ocorrências. Esses resultados corroboram a hipótese de que a variante estaria associada a indivíduos com menor escolaridade, visto que, em contextos de ensino formal, prevalece o ensino gramatical europeu. Nesta perspectiva, os resultados mostram que essa variante não prescrita pela GT faz parte do vernáculo dessa comunidade.

No que se refere à variável língua materna, os resultados apontam que aqueles que possuem uma língua africana como língua materna apresentaram 72% de uso da preposição *em*. Por outro lado, os indivíduos que têm o português como língua materna foi registrado apenas 23% de uso da mesma variante. (Gonçalves; Chimbutane, 2004) explicam esses resultados ao defenderem que as inovações verificadas tanto no PB quanto no PA são processos variáveis não oriundos do acaso ou de uma deriva interna da LP, mas como propriedades transferidas das línguas africanas para o português adquirido como L2.

Em relação à análise da variável permanência, os autores revelam que o uso da preposição *em* é condicionada pelo traço de [+permanência] e [-permanência] associado ao locativo. Os dados mostram que, quando o movimento indica [-permanência], a variante inovadora é fortemente favorecida, chegando em até 82% de ocorrência. Por outro lado, quando envolve [+permanência], a preposição *em* aparece em apenas 9% dos casos, totalizando apenas 3 ocorrências.

Com isso, destaca-se que os resultados apresentados ao longo das análises confirmam que a escolha das preposições não são escolhas aleatórias, mas sim condicionadas por um conjunto de fatores linguísticos e sociais.

4 A METODOLOGIA

Nesta seção, pretende-se apresentar o *corpus* analisado, as variáveis controladas e os caminhos metodológicos trilhados para o desenvolvimento da presente investigação.

4.1 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* analisado para a construção desta pesquisa foi constituído por Mutoba (2025), que reúne transcrições do programa *Show do Fred*,³ exibido pela emissora Tua Tv. Ele foi formado a partir de trechos de fala selecionados de seis emissoras televisivas, correspondentes a programas exibidos em 3 cidades moçambicanas: Nampula, Beira e Maputo, que representam, respectivamente, as regiões norte, centro e sul do país. O material é composto por discurso oral em contextos de programas televisivos de apresentadores e convidados, que possibilitou observar o uso real da língua portuguesa em situações comunicativas.

Entre os programas escolhidos, destacam-se: “O café no Sofá Amarelo”, da “AFRO TV MOZ”, e “Novas Manhãs” da “TV MUNINGA”, ambos provenientes de Nampula; “Política e Liderança no Feminino” e “Fun and Knowledge”, transmitidos pela Rádio e Televisão Acadêmica de Moçambique, da cidade da Beira; além de *Show do Fred*, da Tua TV, e *Turma da Tarde*, da TV Glória, produzidos em Maputo.

No que diz respeito ao período de coleta, todos os programas foram transmitidos ao longo do ano de 2023. As edições possuem duração média entre 1 e 2 horas, adotando, como critério de seleção estabelecido pelo autor, a participação mínima de 20 minutos de, de modo a assegurar uma amostra representativa do uso real da língua.

A pesquisa é composta por 15 participantes, sendo 8 mulheres e 7 homens, com idades que variam entre 24 e 42 anos. A amostra foi organizada em duas faixas etárias, sendo a primeira, de 24 a 30 anos, e a segunda, de 31 a 42 anos. Em relação à escolaridade, a maioria possui nível superior completo, totalizando 8 participantes,

³ *Show do Fred* é um programa da televisão TUA TV com instalações a cidade de Maputo, região Sul de Moçambique, que se dá de segunda à sexta a partir das 4h da tarde, com duração máxima de duas horas. É um programa de entretenimento, onde para além de promover a música moçambicana, passando vídeos clipes que marcam a atualidade, se dá por meio de debate sobre vários temas a nível de entretenimento moçambicano e dos países de expressão portuguesa.

enquanto 2 estão na universidade e 5 possuem ensino médio completo.

É importante ressaltar que não foi incluído participantes mais velhos, por se tratar de indivíduos que geralmente não têm perfis públicos para coleta dos dados. Além disso, esses participantes costumam aparecer com menor frequência nos programas televisivos analisados.

Mutoba (2025) explica que um dos maiores desafios de sua pesquisa foi a escassez de *corpora* sobre o português falado em Moçambique, o que o levou a construir o seu próprio *corpus*. Por fim, isso evidencia as dificuldades que os pesquisadores enfrentam para estudar as variedades africanas de língua portuguesa.

Diante do exposto, vale pontuar que a amostra não foi constituída para uma pesquisa de cunho sociolinguístico, mas possibilita realizar uma descrição das normas do Português Moçambicano (PM). No entanto, a ausência de uma amostra estratificada segundo os postulados da Sociolinguística Variacionista constitui um empecilho no desenvolvimento da presente investigação, não podendo, à vista das limitações do *corpus*, fazer generalizações.

4.2 APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Nesta subseção, serão apresentadas as variantes que constituem a variável dependente e as variáveis estruturais e, a fim de ilustrar, são apresentados exemplos retirados do *corpus*.

4.2.1 AS VARIANTES

Ex. 01 - preposição *a*: “podes lhe dar uns 2 minutos para correr, **ir a farmácia** comprar comprimido qualquer de tensão.”

Ex. 02 - preposição *para*: “48 anos eu aqui onde estou agora, posso sair, **ir para minha casa**, levar passaporte e **ir para África do Sul**.”

Ex. 03 - preposição *em*: “não seremos nós que vamos apostar nele, eu, Sheila, hei-de **ir na igreja** dele e ouvir ele porque Deus perdoa os pecadores.”

4.2.2 As variáveis linguísticas

VARIÁVEL 01: CONFIGURAÇÃO DO NOME DO LOCATIVO

- A - [Lugar/objeto] - Remete a lugares, objetos sem nomes definidos:

Ex. 04: “(...) eu vou achar normal até fome toda hora, eu vou achar normal ir **na casa de banho** toda hora para urinar”

Ex. 05: “(...) “eu estava com pressa estava a **ir pra igreja** eu não zanguiei comecei a olhar aquele vídeo comercial”.

- B - [Lugar/instituição] - Abrange nomes definidos de instituições.

Ex. 06: “(...) eu já estou cansado de **ir a PGR**”.

Ex. 07: “(...) aqui onde estou agora, posso sair, **ir para minha casa**, levar passaporte.”

- C - [Lugar/personificado] - Remete à personificação da instituição

Ex. 08: “(...) “eu acho que na minha opinião todo mundo tinha que **ir ao psicólogo** para ter alguém pra conversar”.

Ex. 09: “(...) é o que eu estou a lhes explicar que eles gostam de **ir no problema**”.

- D - [Lugar/evento] - Refere-se a acontecimentos ou atividades que se passam em determinados locais.

Ex. 10: “(...) não seremos nós que vamos apostar nele, eu, Sheila, hei-de **ir na igreja** dele e ouvir ele porque Deus perdoa os pecadores”.

Ex. 11: “(...) “eu agora posso sair da minha casa, **ir a praça** ir beber uma cerveja, eu posso comprar uma cerveja caminhar pelo Eduardo Mondlane”

- E - [Lugar/espço geográfico] - Inclui lugares de referência geográfica, como cidades, bairros e regiões específicas.

Ex. 12: “(...) Sim, comecei ontem, vou dar hoje e amanhã. E depois **vou a Nacala**”.

Ex. 13: “(...) 48 anos eu aqui onde estou agora, posso sair, ir para minha casa, levar passaporte e **ir para Africa do Sul**.”

VARIÁVEL 02: CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO

- [+ Fechado] (Referem-se a espaços mais delimitados)

Ex. 14: “(...) podes lhe dar uns 2 minutos para correr, **ir a farmácia** comprar comprimido qualquer de tensão”

Ex. 15: “(...) aqui onde estou agora, posso sair, **ir para minha casa**, levar passaporte.”

- [- Fechado] (Referem-se a espaços mais abertos)

Ex. 16: (...) 48 anos eu aqui onde estou agora, posso sair, ir para minha casa, levar passaporte e **ir para Africa do Sul**.

Ex. 17: (...) “comecei ontem, vou dar hoje e amanhã. E depois **vou a Nacala**”

VARIÁVEL 03: PERMANÊNCIA NO LOCAL

- [+ permanência]

Ex. 18: “(...) “48 anos eu aqui onde estou agora, posso sair, ir para minha casa, levar passaporte e **ir para Africa do Sul.**”

Ex. 19: “(...) “comecei ontem, vou dar hoje e amanhã. E depois **vou a Nacala**”.

- [- permanência]

Ex. 20: “(...)“**Vamos a um break**, voltamos já já, não troquem de canal”

Ex. 21: (...) “podes lhe dar uns 2 minutos para correr, **ir a farmácia** comprar comprimido qualquer de tensão”.

Diante disso, foi possível identificar diferentes formas de ocorrências das preposições locativas no PM. Os exemplos distribuídos nesta seção evidenciaram o comportamento variacionista de *a*, *para*, *em*, cada uma associada a contextos específicos e a diferentes tipos de locativo. Com isso, no próximo segmento serão discutidos os resultados alcançados com o desenvolvimento desta investigação.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir do material analisado, foram identificadas 28 ocorrências do verbo *ir* que rege movimento, identificadas do programa televisivo Show do Fred.

A seguir, na Tabela 01, são apresentadas as variantes encontradas e o número de ocorrências de cada uma

Tabela 01: As variantes e o número total de ocorrências encontradas no *corpus*.

VARIANTES	OCORRÊNCIAS/ TOTAL	PORCENTAGEM
A	11/28	39,3%
Para	10/28	35,7%
Em	7/28	25%
TOTAL	28	100%

Fonte: elaboração própria

À vista do que é apresentado na Tabela 01, é importante ressaltar que, em razão do baixo número de ocorrências identificadas na amostra das falas analisadas, não é possível fazer generalizações, visto que não é possível fazer um estudo sociolinguístico clássico. Dessa forma, os resultados apresentados devem ser considerados dentro dos limites impostos pelo número de registros.

Nesse contexto, vale ressaltar a dificuldade de constituição e acesso a *corpora* de variedades africanas de língua portuguesa, conforme cita Silva (2025). Em razão disso, o pesquisador que trabalha com essa agenda de pesquisa precisa lidar com amostras que, nem sempre, são as ideias para um estudo sociolinguístico quantitativo, porém são as que estão à disposição e possibilitam a realização de pesquisas descritivas.

Portanto, as variáveis apresentadas na seção de metodologia serão analisadas qualitativamente, pois o baixo número de ocorrências impossibilita realizar um estudo quantitativo.

De acordo com a Tabela 01, a variante *a* é a mais frequente, contabilizando 11 ocorrências, o que corresponde a 39,3% do total. Em seguida, aparece a preposição *para*, com 10 ocorrências, representando 35,7%. Por fim, a variante *em* registra 7 ocorrências, equivalendo a 25% dos dados levantados.

Alguns estudiosos da Sociolinguística (Pinheiro, 2014; Borges, 2014; Assis, 2009; Silva, Araujo, Santiago, 2022) evidenciam que, no PB, em suas diferentes normas, a variante *em* apresenta produtividade na regência de verbos de movimento. Em relação às variedades africanas de Língua Portuguesa, Gonçalves (2009) evidencia também que no português oral de São Tomé apresenta uma variação significativa em relação ao PE, que, no caso do verbo *ir*, a seleção da preposição *a* ainda predomina, diferente do verbo *chegar*, no qual a preposição *em* é frequentemente usada. De forma similar, Santos (2015) também constatou que a preposição “em” rege verbos de movimento em Angola. Assim, fica evidente que há uma certa similaridade entre essas variedades transatlânticas.

Por outro lado, essa preposição não rege verbos de movimento no PE Bechara (2006). Apesar do baixo número de ocorrências encontradas, vale pontuar que esse estudo sugere uma certa similaridade entre a variedade moçambicana e o PB, o PST, já que, nessas variedades, é encontrado o uso da preposição *em* regendo verbos de movimento. Portanto, qualitativamente, essas 7 ocorrências apresentam uma diferença entre o português moçambicano e o PE.

A seguir, são apresentadas essas 7 ocorrências analisadas.

Ex. 22: (...) “eu estou a lhes explicar que eles gostam de **ir no problema**. deixe-me te dar um exemplo”

Ex. 23: (...) “eu vou achar normal **ir na casa de banho** toda hora para urinar, se eu consumo água de maneira excessiva, então”.

Ex. 24: (...) “segundo o relato desta mulher, ela ia, quando **foi na Esquadra** para denunciar uma agressão”.

Ex. 25: (...) “não seremos nós que vamos apostar nele, eu, Sheila, hei-de **ir na igreja** dele e ouvir ele porque Deus perdoa os pecadores”.

Ex. 26: (...) “imagina alguém que não bebê água mas está toda hora a **ir na casa de banho**”.

Ex. 27: (...) “Sem ter que **ir naqueles** outros patamares que é que não quero mencionar”.

Ex. 28: (...) “não tem hora para ir ao hospital e não tem hora para **ir nas esquadra**, então, alguma coisa tem que ser feita nós queremos que sair na rua”.

À vista do exposto, nota-se que todas as ocorrências apresentam um contexto de [- permanência] no local, ou seja, esses poucos dados sugerem que a variante “*em*” é selecionada para contextos em que há uma ideia de menor permanência no local. Ademais, nota-se que a maior parte das ocorrências foi em um contexto em que o referente apresenta um traço de [+ fechado]. Desse modo, esses resultados não são conclusivos, mas apresentam uma similaridade ou diferença com os outros estudos.

Por outro lado, pode-se observar que a preposição *para*, como explica Said Ali (2001), demonstra uma forte competição com a preposição *a*. Segundo o autor, a diferença entre elas, no âmbito da regência, é quase imperceptível, e tal distinção está ligada às preferências de uso dos falantes. Nesse viés, o autor cita também que

o uso de *a* significa o movimento direto, e o uso de *para* significa o movimento mais demorado, ou seja, de [+permanência].

A seguir, serão apresentadas 10 ocorrências onde, no corpus, *para* rege movimento.

Ex. 29: (...) “E assim, o que é que te levou realmente, **vou para Nampula**”

Ex. 30: (...)“**vou para lá** dar formação, o que é que te levou a essa ideia?”

Ex. 31: (...) “aqui onde estou agora, posso sair, **ir para minha casa**, levar passaporte.”

Ex. 32: (...) “levar passaporte e **ir para Africa do Sul**”.

Ex. 33: (...) “eu posso sair da minha casa **ir para meu Facebook** dizer: jovem que assim”.

Ex. 34: (...) “Vocês não podem **ir sempre para o problema**. o problema existe”

Ex. 35: (...) “estamos a entregar a nossa irmã para um indivíduo seguro, que nós devemos ficar à vontade, **ir para casa dormir** e dizer Ah temos cunhado”.

Ex. 36: (...) “eu estava com pressa estava a **ir pra igreja** eu não zanguiei comecei a olhar aquele vídeo comercial”.

Ex. 37: (...) “muita gente diz aí eu **fui para o hospital**, fiz lá mediram minha glicemia estava alta”.

Ex. 38: (...) “Pessoal, deixe-me só agradecer aí ao meu salão de beleza, daqui a mais um bocadinho **vou para lá**”

Com a análise dessas ocorrências, é possível observar que, quando há a escolha da preposição *para*, ao contrário da preposição *em*, existe uma tendência maior para contextos em que a ideia de [+ permanência] esteja presente para reger o

verbo de movimento, conforme pontuam Vieira (2009), Said Ali (2001). Pode-se observar também, que, em algumas frases, existe um traço de [- fechado].

Além dessas variantes, também foi encontrada a preposição *a*. Essa foi a que apresentou uma maior frequência de uso, o que atribuímos ao tipo de amostra analisada, que é constituída de entrevistas com falantes com nível superior concluído e em curso.

A seguir, serão apresentadas 11 ocorrências em que a preposição *a* apareceu no *corpus*.

Ex. 39: (...) “eu agora posso sair da minha casa, ir a praça ir beber uma cerveja, eu posso comprar uma cerveja caminhar pelo Eduardo Mondlane”

Ex. 40: (...) “eu já estou cansado de ir a PGR”

Ex. 41: (...) “podes lhe dar uns 2 minutos para correr, ir a farmácia comprar comprimido qualquer de tensão”

Ex. 42: (...) “é melhor para ter tempo de ir à farmácia”.

Ex. 43: (...) “eu acho que na minha opinião todo mundo tinha que ir ao psicólogo para ter alguém pra conversar”

Ex. 44: (...) “graças ao mundo digital eu não preciso sair e ir ao mercado vender, eu vendo no mundo digital”.

Ex. 45: (...) “comecei ontem, vou dar hoje e amanhã. E depois vou a Nacala”.

Ex. 46: (...) “estou assim tipo quase natural porque daqui vou ao meu salão não tá, salão que cuida de mim você já sabe, vou fazer as unhas que tão horríveis”.

Ex. 47: (...) “mesmo as quadras eram 21 horas já não era a hora de atender tem hora pra ir a esquadra?”

Ex. 48: (...) “já nos perguntamos isso, não tem hora para ir ao hospital”

Ex. 49: (...)“**Vamos a um break**, voltamos já já, não troquem de canal”

Ao analisar a preposição *a* regendo movimento, Vieira (2009) pontua que o sentido protótipo da preposição *a* é o de expressar, de forma mais genérica, a indicação da direção de um determinado movimento, assim como Mollica (1996) também pontua que: “quando a preposição que acompanha o verbo *ir* de movimento for *a*, a ideia de permanência está ausente”. Diante do que foi dito pelos estudiosos, observa-se uma convergência deste estudo com os anteriores, visto que as encontradas na amostra apresentam um traço semântico [- permanência], diferente do que ocorre na preposição *para*.

Ademais, vale pontuar que, mesmo não sendo o objeto de estudo desta investigação, os dados sugerem que o verbo exerce influência na seleção da preposição, pois os dados de “chegar” encontrados no *corpus* são com a preposição “em”. Por outro lado, o verbo “levar” e “voltar” selecionam a preposição “para”. Essa constatação pode ser verificada nos exemplos a seguir retirados do *corpus*:

Ex. 50: (...) “jovem que assim, assim pede emprego, não sei lá o quê, não sei lá o quê. Eu posso **chegar na minha casa**, sentar e dizer: na minha opinião o presidente da república está assim, cozido e assado, coisas que a 48 anos tu não fazíamos, são ganhos, brada.

Ex. 51: (...) “Onde é que era o pintar as unhas? Pense o quê? O meu batom já está lá na bolsa estou a **chegar num determinado sitio**, tu abrir pra encontrar o quadradorista pra **chegar em casa** só encontrar com a Jaci antes que eu comprei”

Ex. 52: (...) “meu filho toda hora está bebendo água, toda hora está indo no banheiro e toda hora está a comer, isso já é um fator que preocupa os pais aí **levam para o hospital**”

Ex. 53: (...) “o que você deve perceber, é que você agora mesmo se sair, ter a última educação, mesmo dos estados unidos, enquanto **voltares para aqui**...”

Diante do que foi mostrado, esses resultados preliminares vão ao encontro dos alcançados por Assis (2011) a qual pontua que a preposição *em* é quase

categoricamente selecionada pelo verbo de movimento *chegar*, assim como a preposição *para* evidencia uma maior propensão de ser selecionada pelos verbos *levar* e *voltar*. Esses resultados se assemelham aos de Silva, Araujo e Santiago (2022), quando também discutem que o verbo *chegar* há uma forte tendência para a preposição não canônica *em*, por não expressar o processo de deslocamento, mas principalmente o seu ponto final. Já as preposições *levar* e *voltar* apresentam comportamento distinto, inibindo o uso da variante *em* e utilizando a preposição *para*.

Portanto, os resultados alcançados nesta pesquisa não são conclusivos. Entretanto, observa-se que o uso da preposição *em* regendo verbos de movimento está presente na fala moçambicana, mesmo sendo prescrita pelas gramáticas normativas e pelo PE, o que sugere que essa inovação não acontece, apenas, no PB, mas também é um traço de outras variedades do português.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, buscou-se, com este estudo, analisar o uso variável das preposições locativas que regem o verbo *ir* de movimento no português falado em Moçambique, tomando como base uma amostra de fala que não foi estratificada segundo os postulados da sociolinguística variacionista. No *corpus*, foram encontradas 28 ocorrências.

Esta pesquisa procurou responder à seguinte questão: como as preposições locativas que regem o verbo *ir* variam no PM e se aproximam ou se distanciam do PB, do PE e de outras variedades africanas? Os resultados mostraram que a preposição *a* foi a forma mais recorrente no *corpus* regendo esse tipo de verbo, embora também tenha sido registrado o uso da preposição *em* e *para*, aproximando o PM tanto do PB quanto de outras variedades africanas. Dessa forma, a hipótese inicialmente proposta foi confirmada.

Embora o número de ocorrências encontradas não tenha sido considerada suficiente para realizar um estudo sociolinguístico clássico, os dados coletados permitiram identificar um aspecto similar entre o PB e o PM e o PST, que se refere à presença da preposição *em* regendo verbo de movimento, o que contraria a prescrição normativa e a norma europeia, evidenciando que há um *continuum afro-*

brasileiro do Português, como postula Petter (2015).

Logo, os resultados alcançados ainda não permitem conclusões ou generalizações, considerando o número reduzido de ocorrências e a impossibilidade do controle das variáveis descritas na metodologia. Porém, esta pesquisa contribui para o conhecimento da norma moçambicana, tendo em vista a lacuna de pesquisas descritivas sobre as variedades africanas de língua portuguesa.

Como perspectivas futuras, pretende-se descrever o comportamento das preposições locativas regendo outros verbos de movimento e analisar o papel do contato entre línguas nesse processo de variação e realizar um estudo da sócio-história desse país.

REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- ASSIS, Telma Souza Bispo. A atuação das variáveis linguísticas na regência dos verbos de movimento no português afro-brasileiro. *PAPIA*, v. 19, p. 39-49, 2009.
- ASSIS, Telma Souza Bispo. *A regência variável dos verbos de movimento no português popular do interior do estado da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BORGES, Luiza Bernardo. *A variação de uso das preposições a/para/em com o verbo de movimento*. Brasília, 2014. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.
- CABRAL, Lisander. *Complementos verbais preposicionados do português em Angola*. 2005, Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.
- CALLOU, Dinah. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueredo (org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo:

Contexto, 2010.

FARIAS, José Geraldo. *O Estatuto Sintático de Preposições no Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, 2003.

GONÇALVES, Rita. *A preposição a no português de S. Tomé*. Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri, 2009.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 272-284.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

MOLLICA, Maria Cecília. A regência verbal do verbo ir em movimento. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle M.; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 85-119.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PETTER, Margarida. As línguas africanas no Brasil: contatos, permanências e mudanças. In: MOISÉS, B.; MOTA, J. A. (org.). *Línguas em contato no Brasil*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 55-78.

PETTER, Margarida. O continuum afro-brasileiro do português. In: GALVEZ charlotte; GARMES, R.; RIBEIRO, Henrique F. R. (orgs.). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 158-173.

PINHEIRO, Regina Cláudia. A regência do verbo ir de movimento por falantes cultos de Fortaleza – CE: relação entre ensino e pesquisa. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 55-72, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v27i1p55-72>.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 42. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

SANTOS, Maria Rosane Passos dos. *“Amanhã vais na panela”*: um estudo sobre a regência do verbo ir no português falado em Luanda, 2015, Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana,

2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Secheyay; colaboração de Albert Riedlinger. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA, Cláudia Roberta Tavares. A importância e os desafios da constituição de corpora de variedades africanas do português: breves relatos de uma experiência de pesquisa. In: ARAUJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAUJO, Jean Marcel Oliveira (org.). *Lusofonia afro-brasileira: questões sócio-históricas e linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025. p. 71–101.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; SANTIAGO, Huda da Silva. Um estudo contrastivo da variação das preposições locativas no português falado em Luanda-Angola e em Barra/Bananal-BA: um olhar sociolinguístico e sócio-histórico. In: ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; PAIM, Marcela Moura Torres (orgs.). *Variação e mudança na língua portuguesa*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 285–314.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. Variação das preposições em verbos de movimento. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 423–445, jul. 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.